



A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO RÁDIO: REFLEXOS PARA AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS E PARA A SAÚDE DO JORNALISTA

Cristiane Oliveira Reimberg¹

RESUMO: A organização do trabalho influencia a forma como o fazer jornalístico é realizado no rádio, podendo, inclusive, trazer impactos para a saúde do jornalista. Neste artigo, apresentamos depoimentos de dois jornalistas, uma de rádio agência e o outro de uma emissora de notícias, para delinear como essas relações entre condições de trabalho, exercício profissional e saúde ocorrem na prática.

PALAVRAS-CHAVE: *rádio; jornalismo; organização; trabalho; saúde.*

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP, onde desenvolve pesquisa sobre a organização do trabalho no jornalismo, analisando os impactos para a saúde do jornalista e para as práticas jornalísticas, sob a orientação da Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama. Mestre pela mesma instituição. Especialista em Jornalismo Social pela PUC/SP. Graduada em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Como jornalista atua na Revista Proteção, publicação especializada em Segurança e Saúde do Trabalho. E-mail: crisreim@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo busca refletir sobre a organização do trabalho no jornalismo, a partir da vivência de dois profissionais que atuam em rádio. Pretende-se analisar as condições de trabalho e como elas se relacionam com as práticas profissionais e a saúde do trabalhador jornalista.

Para tanto, entrevistamos uma jornalista de 25 anos, que se formou em jornalismo no mês de agosto de 2008 e atua na cidade de São Paulo. Ela trabalha há 4 meses em uma rádio agência, que procura abordar assuntos fora da pauta da grande mídia, como temas ligados aos movimentos sociais. Antes disso atuava como jornalista *freelancer*. No artigo, ela será denominada como Jornalista 1².

O outro entrevistado é um jornalista de 26 anos, formado no início de 2007, que também trabalha na capital paulista. Iniciou a carreira em radiojornalismo como estagiário. Atua em uma emissora de rádio voltada para notícias há cinco anos e meio. Já exerceu praticamente todas as funções da redação, como edição, locução, apresentação, reportagem e apuração. Atualmente é apresentador. Ele será identificado como Jornalista 2.

Em um primeiro momento, discutiremos a noção de jornalismo por diferentes autores, para depois apresentar o sentido de “ser jornalista” para os entrevistados. A seguir, apontaremos algumas características do rádio, tendo como base, autores como Ortriwano (1985, 1998) e Brecht (2005). Nesse momento, faremos algumas relações com as práticas profissionais vivenciadas pelos entrevistados.

Essas práticas também serão analisadas a partir das condições organizacionais, assim como observaremos os impactos da organização do trabalho para a saúde do jornalista. Três importantes autores para o estabelecimento dessas relações são: Heloani (2003), psicólogo que no seu pós-doutorado estudou a qualidade de vida do jornalista na nova dinâmica de reestruturação produtiva; Ribeiro (1994), jornalista que em seu doutorado pesquisou as condições e contradições do trabalho jornalístico; Seligmann-Silva, psiquiatra e professora aposentada da Faculdade de Medicina da USP, referência nos estudos de saúde mental e trabalho no Brasil.

² Optamos por não citar o nome dos jornalistas e dos veículos para não expor os profissionais. O objetivo é analisar as vivências deles para refletir sobre a organização no trabalho de forma geral.

Sentidos do jornalismo e de ser jornalista

O jornalismo, segundo Hudec (1980, p. 35-36), não pode ser compreendido fora de “suas relações com uma sociedade concreta e da sua estrutura de classe”. Assim define o jornalismo como um fenômeno da cultura moderna, de caráter ideológico, ligado a “uma fase concreta do desenvolvimento econômico”, inserido em uma sociedade de classes e expressando interesses políticos.

O autor (*Ibid.*, p. 38-40) aponta como características próprias do jornalismo: a atualidade, relacionando-se a questões do dia; a universalidade, que significa o dever de escolher o mais importante dos problemas vitais da sociedade e abordá-los de um ponto de vista atual; a fidelidade aos fatos; o comprometimento de classe, visando produzir opinião e atitudes, sejam progressistas ou reacionárias³; multiplicidade, que possibilita divulgação em grande escala por vários meios de comunicação; periodicidade, como acompanhamento contínuo; rapidez, na seleção e transmissão; e natureza institucional, caracterizando o “jornalismo como instituição ideológica e política” e “como empresa lucrativa”.

3

Na avaliação de Abramo (2007, p.282-285), os jornais se transformaram gradativamente em empresas, “submetidos às mesmas leis gerais de competição que regem as relações econômicas na sociedade capitalista moderna”. Como empresa jornalística, passa a defender os interesses econômicos do grupo a que o proprietário pertence, dos anunciantes e do capitalismo. O jornalista tem um papel ambíguo: ele é um trabalhador assalariado diante do proprietário da empresa, mas que na maioria das vezes abdica da “consciência de classe social a que pertence” e passa a ser “indiferente” e até “hostil” aos trabalhadores assalariados. Assim defende que o jornalista assuma sua posição de classe e a comunicação como um direito da sociedade.

Essa questão de enfrentar o estabelecido pelos que detém o poder é defendida por Brecht (1966, p. 259-260) quando ele aponta que a coragem de escrever a verdade

³ Acreditamos que esse aspecto merece uma discussão mais aprofundada. Seria papel do jornalismo assumir esse comprometimento ou apresentar diferentes visões para que o leitor decida suas posições? Não podemos nos esquecer que o receptor tem um papel ativo, não é um receptor “bancário”, parafraseando Paulo Freire, em que depositamos mensagens e conteúdos. Por outro lado, é possível perceber como interesses políticos e econômicos influenciam a cobertura jornalística. Ainda há nesse cenário o próprio jornalista que tem suas visões de mundo e influenciam na construção das matérias.

abrange desagradar os proprietários e falar de coisas pequenas como a “comida e moradia dos que trabalham”. Percebe-se um enfoque nos problemas que afligem à sociedade, olhando para as necessidades daqueles que muitas vezes são deixados de lado pela cobertura jornalística, os trabalhadores.

A veracidade é primordial ao jornalismo e existe uma necessidade de pautas que realmente abordem os problemas sociais, políticos e econômicos, sem que se beneficiem determinados grupos e sim os interesses da sociedade como um todo. Isso significa buscar a complexidade dos fatos, ouvir novas fontes, dar voz a quem não tem, sejam minorias ou majorias excluídas, que se tornam invisíveis aos olhos dos outros.

Chaparro (2007, p.12) aponta caminhos ao destacar que “ser veraz” é a marca “de caráter na linguagem jornalística” e na “profissão do jornalista”, mas a veracidade não deve ser confundida com objetividade no sentido colocado pelo jornalismo tradicional. Nessa concepção equivocada, a objetividade seria “a capacidade de observar os fatos em sua realidade material”, a perspectiva individual do jornalista⁴ não traria interferências, e os fatos seriam “objetos concretos”. Na verdade, os fatos, as falas e os protagonistas “valem pelo que significam”, e a escolha do mais importante não é possível “sem o exercício subjetivo da valoração dos fatos a narrar”.

4

Outro ponto destacado por Chaparro (2007, p.146) é que a atividade jornalística “deve ser avaliada e avalizada pelas razões do interesse público”. Esse é um parâmetro importante para os “critérios jornalísticos de valoração da informação”. Quanto maior “os atributos de relevância social da informação, maior será a dimensão do interesse público atendido”. Além disso, o “jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação” (p.34).

Essa perspectiva de mediação e interesse público aparece na fala do entrevistado que atua na grande mídia, sobre o que é ser jornalista:

Jornalista é um profissional que tem que se doar mesmo para o público. A atuação dele está em função do público, não dele mesmo, ele é um mediador entre aquilo que é o fato e o público que tem que ter conhecimento desse fato. É a mediação. O jornalismo se pauta basicamente pela mediação. (JORNALISTA 2)

⁴ Segundo Gaiarsa (1984, p.38), “Ninguém está isento de si mesmo e só podemos ver o outro através dos nossos olhos e dentro de nossa perspectiva. Vemos o mundo com nossa experiência. Isto é irremediável”.

Aspectos parecidos são ressaltados pela jornalista que atua na mídia alternativa, acrescido de uma visão que defende um papel ativo do jornalismo na construção da sociedade:

Ser jornalista é alguém que executa as funções do jornalismo. Então, qual o papel do jornalismo na sociedade? Mais do que ser uma via transmissora de notícias, é atuar para intervir socialmente a partir dessa mediação de informações na sociedade. O jornalista teria que ter esse papel, não simplesmente repassar, mas conseguir coletar as principais informações, conseguir atuar positivamente na sociedade, mediar a circulação de informações. O papel tem que ser ativo. Tem que ser de construção da sociedade. (JORNALISTA 1)

O rádio e as práticas profissionais

Ortriwano (1985, p.78-79) considera o rádio como o meio de comunicação mais popular e de maior alcance público. Entre as características intrínsecas do rádio, ela destaca a linguagem oral, que permite ao ouvinte não alfabetizado também receber a mensagem; a penetração geográfica, pela qual pode chegar aos lugares mais remotos, ser regional e nacional; mobilidade tanto pelo emissor, que pode estar presente no local do acontecimento com facilidade, quanto pelo receptor, pois o ouvinte pode ouvir o rádio em diferentes locais (casa, trabalho, locomoção) ou realizando outras atividades; baixo custo do aparelho.

Essa possibilidade de presença para a cobertura facilitada foi um aspecto citado pelo jornalista que trabalha em rádio de notícia:

Uma das coisas que apaixona no rádio é justamente a autonomia no sentido de que todas as etapas do trabalho estão basicamente concentradas na mão de um profissional só ou de poucos profissionais. Se você pega uma TV, para fazer uma reportagem, o repórter depende do cinegrafista, do editor, do editor de imagem, de quem está editando o programa, de uma série de pessoas e de uma série de outros fatores como o equipamento, a câmara, a fita, cabo para transmissão, veículo. No rádio, o profissional precisa para fazer uma reportagem: sair com um gravador dele, apuração, transmissão sonora - são trechos de falas do entrevistado, que você tem que passar ou decidir ali ou fazer a edição da própria reportagem. Tudo depende dele até por conta disso que eu te falei da grande quantidade de trabalho e da equipe enxuta. Então até não tem muito tempo de ficar deslocando muita gente para uma coisa só. Isso é um fator que dá vontade de trabalhar, quem se apaixona por rádio fica contagiado mais por isso, autonomia. (JORNALISTA 2)

A questão da autonomia no trabalho é fundamental para o ser humano. Segundo Seligmann-Silva (2009, p.26), “é bem estudado que o *espaço de autonomia* apresenta conotação *positiva* para a saúde dos empregados”.

Na nossa equipe, eu consideraria que tem autonomia. Autonomia implica conhecer a intervenção do outro no seu trabalho. Minha autonomia é no sentido de eu conseguir propor as coisas, fazer aquelas coisas que eu acredito. Eu não faria algo, escreveria um texto que eu discordasse ou faria alguma outra função que me fosse imposta e eu não estivesse satisfeita com aquilo. Eu tenho uma autonomia, mas não é aquela autonomia individualista, só faço o que eu quero, eu faço o que é necessário. Se a editora me manda fazer alguma coisa e eu concordo com aquilo, logicamente eu faço. Normalmente como a gente já tem uma sintonia política, ideológica grande na equipe, eu acho que cada um tem sua autonomia e respeita a interferência do outro no seu trabalho. Eu colocaria que tenho sim autonomia. (JORNALISTA 1)

A autonomia do repórter, no entanto, muitas vezes esbarra em questões ligadas à organização do trabalho. A equipe pequena e enxuta pode fazer com que muitas vezes se opte por realizar as matérias da redação. Isso pode interferir em outras características ressaltadas por Ortriwano (1985, p.80), que são o imediatismo - os fatos serem transmitidos no momento em que ocorrem - e a instantaneidade - a mensagem ser recebida no momento que é transmitida.

No caso da emissora de rádio voltada para notícias, o jornalista entrevistado afirma que metade das pautas são desenvolvidas da redação e a outra metade dos locais dos acontecimentos.

É uma das poucas rádios que ainda investem de uma forma maior na reportagem de rua. Você pega outros projetos que estão surgindo, o pessoal quer fazer rádio barato e ter um retorno imediato. Então é estúdio, ler nota, abrir a internet e ler o que está ali. Aqui ainda tem uma abertura maior para a reportagem de rua, mas é meio a meio, poderia até ser mais em minha opinião. Tem muita matéria ainda sendo feita de redação pegando especialista, pegando não sei o que, poderia até ser maior o espaço, mas dentro do que a gente vê hoje no mercado até que é uma abertura boa. (JORNALISTA 2)

No caso da jornalista da rádio agência, há uma maior dificuldade para fazer reportagens nas ruas, devido à pequena equipe e falta de recursos para o deslocamento. Essas saídas ocorrem em casos específicos, como reportagens especiais.

É muito raro sair, como a equipe é pequena, a gente acaba produzindo o conteúdo todo de lá, utilizando gravações por telefone, a gente entrevista as pessoas. Algumas outras matérias acabam demandando viagens. Eu nunca fui porque estou há pouco tempo lá, mas o pessoal já foi correspondente na Bolívia, já fez viagens para algumas cidades do Nordeste para realizar matéria. Este final de semana cobri a Convenção de Solidariedade a Cuba. Fui ao local, durante o feriado. Mas a finalização da matéria toda se dá lá mesmo, a gravação, a elaboração do texto, mas são poucos os momentos que a gente vai à campo, sai mesmo. (JORNALISTA 1)

Ficando nas redações, os jornalistas conseguem produzir mais matérias, pois não se perde tempo com o deslocamento. No entanto, perdem a oportunidade de captar sons dos ambientes e de perceberem aspectos da notícia que não são relatados. Na entrevista, a única referência acaba sendo a palavra do entrevistado, ficando de fora as expressões e gestos que poderiam ser vistos e gerar novos questionamentos e abordagens. Como demonstra Gaiarsa (1984, p.75) “as expressões emocionais das pessoas, suas atitudes, suas faces, seus gestos” são múltiplos e discordantes.

7

Ortiwano (1998, p. 18) apresenta uma divisão interessante para se pensar a prática jornalística. Ela defende a prática de um jornalismo de natureza substantiva, que “pressupõe a transmissão ao vivo, a emissão direta, feita simultaneamente ao acontecimento”. O jornalista “elabora a mensagem conforme o desenrolar dos acontecimentos”, e o ouvinte “recebe a informação imediatamente sem defasagem de tempo”, com a emoção envolvida no palco da ação.

O contrário disso é denominado como jornalismo de natureza adjetiva, com emissão indireta e “defasagem de tempo entre o acontecimento e sua transmissão”. Nesse caso, o fato é narrado a partir da elaboração de um texto, e a gravação, quando existe, é editada.

A autonomia também pode ser percebida a partir da liberdade para sugerir pautas e realizar reportagens. Ambos os jornalistas afirmaram ter essa liberdade, ainda que nem sempre seja possível exercê-la, devido à demanda de trabalho:

Não é sempre que a gente propõe pauta porque é muito desgastante você procurar as pautas, propor, pensar no texto, elencar as fontes, então a gente

acaba mesmo dividindo o trabalho. O editor propõe as pautas. Quando a gente vê uma pauta interessante, a gente manda para ele, que vê se não está chocando com nenhuma outra informação, se o outro repórter já não propôs. Então a gente pode fazer toda a etapa do processo, mas divide as tarefas para um melhor funcionamento. (JORNALISTA 1)

Sim, aqui é até bem vindo que os profissionais sugiram pautas. Quando a sugestão de pauta é aprovada geralmente é o próprio repórter que sugeriu que toca a pauta adiante, a menos que fatores outros impeçam isso. (JORNALISTA 2)

A organização do trabalho acaba influenciando também no exercício da criatividade:

Muita gente se desanima por questões [relacionadas às] condições de trabalho. Repórter geralmente estoura essas 7 horas que eu te falei, seja porque tem que continuar na pauta, numa reunião que está acontecendo, uma audiência, um depoimento, qualquer coisa e realmente estoura, e o pessoal vai ficando cansado. Tem muitas reclamações dessas coisas. Muita gente desanima e acaba deixando a questão da criatividade meio de lado. Mas dentro quem tem vontade de criar tem espaço. (JORNALISTA 2)

A gente tem uma rotina que acaba sendo necessária de produção de matéria, tem alguns formatos que acabam sendo mais formatados, digamos assim. Mas a gente a todo tempo busca nas reuniões de pauta pensar novas ideias, novos formatos para fazer. Acho que poderia exercer mais a criatividade, mas dentro dos limites que a gente tem de produções de matérias e uma equipe pequena, a gente não acaba extrapolando para muitas coisas novas. Mas sempre que é viável, acho que sim, a gente pode exercer a criatividade, mas não é plena. (JORNALISTA 1)

8

Ortriwano (1998) recorre a Brecht para delinear outra importante característica do rádio: a interatividade. O pensador alemão caracterizava o rádio como possuidor de uma “dupla-mão de direção”. No entanto, segundo a autora, apesar de ser um anseio antigo, a interatividade continua controlada pela limitação da participação dos ouvintes a pequenas intervenções. Ela cita alguns exemplos como a participação do ouvinte-repórter, a partir dos anos 90, com informações ligadas à prestação de serviço, e a participação via e-mail, caracterizando uma interatividade adjetiva (p.27-28). “Uma das críticas mais veementes que Brecht fazia ao rádio, já em 1927, continua válida: o rádio ainda é, basicamente, um meio de distribuição de mensagens, não um meio de comunicação” (1998, p. 17).

(...) o rádio tem uma cara onde deveria ter duas. É um simples aparelho reproduzidor (...) é preciso transformar o rádio, converte-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se não fizesse apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. (BRECHT, 2005, p.42)

O autor ainda sugeriu, em 1932, a realização de entrevistas reais nas quais os entrevistados tivessem “menos oportunidade de se inventar esmeradas mentiras”, como faziam nos periódicos. Outra sugestão foi a realização de conferências e debates no rádio. (Ibid., p.37) Segundo Ortriwano (1998, p.19), Brecht também anteviu o caráter comercial do rádio e que se transformaria em “um grande negócio”. O peso da questão empresarial na prática do jornalismo também aparece nas falas do entrevistado que atua nos grandes meios: “Claro, isso aqui é uma empresa privada. Os proprietários têm os seus interesses políticos e econômicos, etc., e dependendo do assunto claro que vai vir algum tipo de pressão, então, liberdade total no jornalismo, infelizmente, não existe”.

Além dessa limitação, nossos entrevistados enumeram outras situações que incomodam o exercício profissional deles:

Acho que acaba sendo mais por questão econômica, financeira mesmo. A nossa equipe é pequena, então não dá, a gente tem uma rotina de produção, não é tão intensa como dos grandes meios, pelo que falam, mas acaba que a gente não consegue ir para rua, não consegue gastar mais tempo em uma matéria, tem o tempo meio contado e isso me incomoda um pouco. Mas eu entendo que não é porque a gente quer que é dessa forma, a gente tem implicações econômicas e financeiras, não dá para contratar mais gente, ter carro à disposição, ter viagem bancada. (JORNALISTA 1)

A coisa que limita é justamente por ser muito concentrado o trabalho na mão de poucas pessoas, realmente, às vezes não há tempo suficiente para fazer uma checagem mais detalhada. Ou se você está produzindo um programa, o produtor é responsável por marcar as entrevistas, marcar o programa todo, às vezes, pela questão do tempo e a grande quantidade de entrevistas que você tem que marcar para um programa, você não tem tempo de pegar um assunto e pensar - poxa a gente vai pegar isso aqui e tratar com quem? Sair procurando um estúdio que tenha tratado do tema, às vezes você tem que pegar o telefone e falar com o pessoal que fala aqui sempre. Há uns entrevistados aqui que a gente fala - só falta o pessoal ter holerite da rádio, de tão frequente a marcação de entrevistas com eles. A gente acaba sempre

apelando para eles porque não tem esse tempo de buscar novas fontes às vezes. Isso é uma limitação. (JORNALISTA 2)

Impactos da organização do trabalho

No tópico anterior já foi possível perceber que a organização do trabalho traz impactos às práticas jornalísticas, por exemplo, quando os jornalistas deixam de sair às ruas para realizar as matérias de dentro da redação, porque a equipe é pequena. Neste texto, aprofundaremos as questões relacionadas às condições organizacionais e os impactos que trazem não só para o exercício profissional como também para a saúde do trabalhador.

São aspectos da organização do trabalho: “a estruturação hierárquica, o controle, a divisão das atividades, a estrutura temporal do trabalho, as relações interpessoais e intergrupais” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p.23). Segundo a autora, a divisão social e técnica do trabalho incorporam relações de poder, que inclusive podem ocorrer em um mesmo escalão hierárquico. Isso porque tanto “o conhecimento formal quanto experiência (saberes da prática) podem significar poder. Trata-se de uma questão micropolítica que trará reflexos para a saúde mental” (p.22).

10

Observando os aspectos de organização do trabalho dos jornalistas entrevistados destacamos que ambos têm jornada de trabalho de sete horas. No caso da rádio agência, a entrada costuma ser entre 9h e 9h30, e a saída entre 17h e 17h30. No caso da emissora de rádio, o horário de trabalho varia de acordo com a função desempenhada.

Por dia a gente trabalha por volta de sete horas, difícil passar disso, mas é muito trabalho para um tempo sempre exato de sete horas, então, é um trabalho concentrado, intenso. No trabalho, a gente não pára. Tem dia que eu não tenho nem cinco minutos para ir ao banheiro, comer alguma coisa, tomar um café, nada. Não dá mesmo. Bom, geralmente eu trabalho de manhã ou no começo da tarde. Quando eu trabalho de manhã, é aquele negócio, 8 horas, 9 horas da noite eu tenho que estar dormindo, porque seis horas tem que estar aqui, então, é aquela correria. (JORNALISTA 2)

Dependendo da atividade a jornada de 7 horas na emissora pode ser extrapolada. O Jornalista 2 considera a produção “uma das funções mais ingratas do rádio”. Por ser uma função de bastidor, não há o mesmo reconhecimento que existe para os que estão no ar. Além disso, leva-se trabalho para casa, seja algo a ser resolvido ou preocupação,

como se a entrevista marcada para o dia seguinte dará certo. O repórter também pode estourar essa jornada, conforme a matéria que está desenvolvendo.

Em relação ao estabelecimento de metas para produção de matérias, os dois jornalistas afirmam não haver esse tipo de cobrança onde trabalham. No caso da emissora de rádio, os repórteres desenvolvem uma ou duas matérias por dia. Já na rádio agência esse número pode chegar a três, dependendo do tamanho e do tipo de material desenvolvido. São trabalhados “produtos de comunicação” como “boletins que não precisam de entrevista”, notícias com entrevistas, reportagens especiais que são maiores e têm mais fontes, entrevistas e notas curtas gravadas. Sobre esse tipo de cobrança, disseram:

Eu nunca trabalhei nos grandes meios, mas um menino que trabalha comigo trabalhou muito tempo em rádios comerciais do interior. Ele falava que a rotina era muito desgastante, e a cobrança também era muito forte. Então a gente faz duas, três matérias por dia, lá ele tinha que fazer cinco, seis, sete. E a todo tempo, se você conseguia fazer cinco, eles te cobravam seis, se você conseguia fazer as seis em um dia, eles cobravam sete. Aquilo desgasta psicologicamente a pessoa, além do que a gente tem as sete, oito horas de trabalho, tem que ir para casa, a cidade é um caos, o transporte público é um caos. (JORNALISTA 1)

Não existe isso até porque a pauta é definida de acordo com o número de repórteres. Não é difícil que uma pessoa tenha que fechar duas matérias por dia, dentro do possível que cada um suporte. Acho que quanto a isso não tem muita sobrecarga. (JORNALISTA 2)

A jornalista da rádio agência acredita que há diferença em trabalhar nos grandes meios e avalia que a cobrança neles é maior:

Existe uma cobrança dos meios alternativos também, só que eu acho que entendem que tem um ser humano ali trabalhando, não é uma máquina. Então respeita essa individualidade de cada um, esses conhecimentos diversos, o corpo, a cabeça também não dá conta às vezes de produzir mais de uma matéria num dia porque não está em um dia bom. Há esse respeito maior, enxerga a pessoa como ser humano, não como uma máquina, acho que essa que é a principal diferença. (JORNALISTA 1)

Apesar dessa percepção dela, baseada em experiências de amigos, o depoimento do jornalista que atua na emissora de notícias mostra uma exigência parecida em termos de matérias com a rádio agência. Quando olham para as condições de trabalho do

jornalista de uma forma geral, as críticas aumentam, e os dois mostram um pessimismo em relação à profissão:

Com amigos que são da área e vendo também a minha dificuldade em conseguir um emprego, eu acho que não chega a ser um mercado saturado de profissionais, mas são profissionais pouco valorizados dentro das possibilidades de trabalho que têm. Os salários são muito baixos, a cobrança tanto de horas trabalhadas quanto de produção intelectual é gigantesca. Não tem como o profissional conhecer de todos os temas e atuar de forma tranquila neles em um espaço curto de tempo. Eu acho que é uma desvalorização enorme econômica, intelectual, sobrecarga muito grande de horas trabalhadas, eu acho que esse quadro é nacional. Um ou outro profissional que a gente fala que ganha mais salário, mas ganha mais salário para quê? Para também não conseguir mudar nada daquilo que faz, não conseguir exercer a sua criatividade, ser preso aqueles formatos já estabelecidos no jornalismo. Acho que o quadro do jornalismo hoje é meio triste, mas o potencial é imenso, acho que a gente nunca perde a vontade de modificar. (JORNALISTA 1)

Muito ruim, muito ruim. Tem dois aspectos, o próprio jornalismo, a tradição do jornalismo que é praticado no Brasil que deixa muito a desejar. Isso cobertura política, cobertura de cotidiano, jornalismo geral. Em todas as áreas é bastante ruim justamente porque não se leva em conta o que eu tinha falado no começo, o público. E as condições de trabalho do jornalista também são bastante precárias. Outros colegas, de outros veículos, que muitas vezes a gente conversa, é muito ruim. O jornalista é muito mal pago, tem uma carga de trabalho excessiva, mais em alguns lugares, menos em outros, mas de toda forma é muito trabalho para ser feito, tem a pressão da empresa de metas. Muitos lugares têm essa questão de metas que você me perguntou. Olhando a longo prazo é uma profissão que desestimula. (JORNALISTA 2)

Esse quadro negativo do jornalismo é relatado por diversos autores. Kucinski (2005, p.107), por exemplo, acredita que o jornalismo atual “perdeu sua centralidade no mundo da cultura e das idéias”. Ele também avalia que “a competição feroz pelo emprego determina um *ethos* de individualismo extremado”. O jornalista deixa de lutar “pela verdade ou pelo interesse público”, pois a batalha é “para garantir o seu emprego”.

(...) nas empresas jornalísticas, o fazer tornou-se mais importante que o saber fazer. A quantidade tornou-se o critério da aprovação do trabalho, e as pautas deixaram de ser um exercício de criatividade para se tornar uma ordem de trabalho. O jornalista comum, hoje, é um trabalhador de uma linha de montagem, cuja esteira corre com velocidade cada vez maior, não

deixando tempo nenhum para a individualização. Logo que pode, ele larga a profissão. (KUCINSKI, 2005, p.109-110)

Piernes (1990, p. 39) completa que o progresso foi impondo um ritmo intenso ao jornalismo. Em relação à produção de bens materiais, isso pode ser visto positivamente, no entanto, alerta que “resulta nocivo e altamente perigoso quando, por obrigação do progresso tecnológico, tem-se de produzir mais idéias, mais opiniões, mais noticiais, como se fossem salsichas, para dar de comer a uma máquina cada vez mais faminta”.

Os jornalistas entrevistados não relataram um ambiente de competitividade agressiva, mas revelam ter um ritmo de trabalho intenso, que além de interferir nas práticas jornalísticas, pode ter reflexos para a saúde. Quando o olhar recai sobre o próprio trabalho, percebe-se que essa intensidade pode causar desgaste, inclusive com sintomas físicos e dor:

Para mim, dá muita dor nas costas, porque às vezes a gente acaba tão concentrado no que está fazendo, que esquece a postura, esquece o corpo, fica só focada naquilo. Como usa muito o computador, fica o dia inteiro na frente de uma tela, o olho fica muito ressecado, então às vezes você pode até dar um descanso, relaxar o corpo, você não está escrevendo, mas você está lendo e olhando para a tela a todo momento e aquilo dá alguns problemas na vista. É que a gente se concentra muito naquilo e esquece o corpo. (JORNALISTA 1)

13

A intensidade de trabalho também esteve presente na fala do Jornalista 2 que, como já citamos afirmou haver momentos em que não há tempo nem para ir ao banheiro ou beber água. Ao ser indagado se já sentiu algum tipo de dor ligada ao trabalho, ele relatou ter dor de cabeça. “Não é raro no final do expediente a cabeça estar explodindo”. Sobre a frequência que isso ocorre, ele respondeu:

Depende. Ai juntam outros fatores. Naqueles dias que você está trabalhando que você não tem tempo de sair da mesa, você não come, você não sai dali, é natural. Sei lá, eu diria uma frequência de uma vez por semana, talvez que eu fique pilhado. (JORNALISTA 2)

Em relação à frequência, a jornalista da rádio agência afirmou sentir o cansaço nos olhos: “Quase todo dia. Você chega em casa que não quer abrir o olho.” Ela ainda relatou sentir dor nos ombros e na região do pescoço.

Os problemas relacionados à saúde parecem ser comuns na profissão. Segundo Heloani (2003, p.20), “com a implantação de novas tecnologias nas redações ... os

jornalistas ... se vêem cada vez mais diante dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT)”. Ribeiro (1994, p.158) destaca a “ansiedade e o pânico de errar, que resultam em esgotamento progressivo e, com frequência, se somatizam em doenças alérgicas e até cardíacas”. O autor presenciou a dispensa de vários colegas por problemas de saúde, após acumularem duas jornadas para se antecipar a edição de domingo do jornal (p.94).

Entre os nossos entrevistados, o jornalista da emissora de rádio relatou que há pessoas com problemas mais sérios do que dor de cabeça. Há um caso de um colega afastado há dois anos. Outros afastamentos menores são comuns, causados por gripe forte ou outras doenças. “Vira e mexe a gente tem problemas de afastamento por causa de doenças que afetam o sistema de defesa, o sistema imunológico, com a resistência baixa a pessoa acaba se afastando”.

O cansaço mental do trabalho intelectual intensificado pode trazer reflexos para a saúde:

As condições do corpo (...) não podem ser dissociadas das condições mentais para realização de atividades que exijam raciocínio, reflexão crítica, interpretação, comunicação ou outros “desempenhos” mentais. Porque não existe trabalho mental sem participação do corpo. Da mesma forma como a recíproca é verdadeira, e mesmo o trabalho considerado braçal exige atenção e outras atividades mentais. Acrescente-se que a vulnerabilidade do corpo desnutrido ou do corpo que dói também interfere no trabalho mental. E também em psicopatologia – o corpo e os esforços físicos fatigantes podem estar presentes na dinâmica adoecedora. Em suma, a fadiga física, o desconforto, a tensão muscular e a dor são igualmente inseparáveis da dinâmica que vincula inteligência e sentimentos e que pode levar à desestabilização psíquica. (SELIGMANN-SILVA, 2009, p.6-7)

Outra questão que pode ser relacionada ao trabalho do jornalismo é o estresse. Esse tema foi estudado por Heloani (2003), que constatou estresse entre 34 de 44 entrevistados (p.77). Desse total, foram realizadas entrevistas aprofundadas com 22 pessoas, todos com estresse, sendo 16 em fase de resistência⁵ e seis em fase de quase

⁵ Segundo Heloani (2003, p.19), a fase de resistência “é a segunda no processo de stress e ocorre quando o estressor é de longa duração. O organismo tenta restabelecer o equilíbrio interno mediante ação reparadora. Toda a energia adaptativa é utilizada na tentativa de equilíbrio e, quando houver sucesso nesse intento, os sintomas iniciais desaparecem, o que gera a sensação de melhora. Quando a pessoa continua nesse estágio por muito tempo, o organismo torna-se mais vulnerável às doenças em geral e o stress avança para a última fase, isto é, a fase de exaustão”. A fase anterior a essa, a primeira do processo

exaustão⁶ (p.75). Foram colhidos depoimentos como - “Sinto, sinto estressada pela carga de trabalho. Fico chateada, brava, rôo a unha de monte, aí fico com mais dor de estômago, com dor de cabeça, o corpo grita.” - identificada na pesquisa como Sujeito 17 (p.74).

Os nossos entrevistados também relataram a percepção que têm do estresse na profissão de jornalista:

É estressante por causa desse excesso de trabalho, ainda que haja aquela questão apaixonante do rádio, de você ter autonomia e poder coordenar o seu trabalho sem depender de tanta gente para colocar a sua marca naquilo. Tem esse outro lado da moeda que é o estresse embutido nisso tudo. A pressão, que acaba sendo não da empresa exatamente, mas do próprio funcionário de ter que fazer aquele trabalho, dentro daquele horário, que às vezes fica mesmo além da capacidade dele. (JORNALISTA 2)

Sou nova na profissão, então, para mim, tem uma carga de estresse por essa questão mais de inexperiência. Às vezes você pega uma pauta que você não dá conta e tudo mais e acaba se estressando, mas são aqueles estresses mínimos, que passam daqui a pouco. Uma situação mesmo de estresse, estresse, eu acho que eu nunca vivenciei. (JORNALISTA 1)

15

A fala da jornalista da rádio agência remete a primeira fase do estresse, que pode ser positiva, quando é administrada e passa. O que fica claro quando ela exemplifica uma situação vivenciada como uma pauta de economia, tema sobre o qual ela tem dificuldade. Ela leu vários materiais para poder elaborar as questões, pois temia fazer alguma pergunta sem sentido, e a matéria não render. O medo era não dar conta, mas passou após alguns dias:

Não é que eu não queria fazer pauta de economia, para mim era um desafio fazer. Mas de qualquer forma dá um pequeno estresse. Mas eu não tenho o estresse cotidiano, ah será que eu vou ser demitida, será que não, será que o editor vai gostar do meu trabalho, porque se ele não gostar, ele vai falar, você podia mudar tal coisa. Existe companheirismo. Então os estresses que eu tenho são aqueles de desafios para eu dar conta de alguns temas que são novos. (JORNALISTA 1)

de estresse “é a de alerta e começa quando a pessoa se confronta inicialmente com um estressor”, e o organismo reage como “fuga ou luta”. Sabendo administrá-la, essa fase pode ser produtiva.

⁶ A fase de exaustão, segundo Heloani (2003, p.19), “é o estágio mais perigoso” e “ocorre quando outros estressores surgem concomitantemente ou quando existir um evolução do processo de stress”. Nessa fase, surgem doenças com mais frequência, tanto físicas quanto psicológicas. “O enfraquecimento fisiológico é de tal ordem que patologias latentes se manifestam, comprometendo a saúde da pessoa, às vezes de forma irremediável”.

Quanto à fala do Jornalista 2, a pressão sentida pelo funcionário tem a ver com a cobrança interna, que faz de si, mas não está dissociada da questão organizacional. Muitas vezes as cobranças são institucionalizadas de tal forma que são vistas como naturais ou inerentes à profissão. Ainda que algumas características do jornalismo levem a isso, é possível construir medidas para atenuá-las. Os próprios entrevistados dão suas sugestões para melhorar as condições da profissão:

No geral seria uma valorização maior da profissão. Eu acho que isso implica investir na formação intelectual do jornalista. Hoje em dia o jornalista é um reprodutor de notícias, não tem mais a apuração, a pesquisa, o conhecer o tema. A gente tem que produzir muitas coisas e até na mídia alternativa isso acaba pegando um pouco sabe, mas eu acho que a gente é formado nisso. Na universidade inteira, a gente passou para ser isso, reproduzir a superficialidade das coisas. Então valorizar o profissional, é valorizar que ele precisa se desenvolver intelectualmente e para isso precisa ter condições, seguranças econômicas, um bom ambiente de trabalho, algumas atividades que preserve a saúde mental do jornalista e também a física. Às vezes eu fico pensando, podia ter uma aula de ioga antes, um relaxamento, coisas do tipo, para a gente entender como funciona o nosso corpo, vê até onde ele dá conta também. Eu acho que é a valorização de maneira geral, cuidando da saúde, do intelecto. (JORNALISTA 1)

16

Tudo começa pela questão salarial. A preocupação, se você conversar com qualquer pessoa aqui na redação, o que mais te incomoda na profissão? É o salário, porque o salário não compensa hoje o estresse que você passa, o trabalho, o estresse que você leva para casa, esse cansaço. Muita gente tem, eu falo de dor de cabeça, tem gente que tem problemas até mais sério do que isso, então a questão do custo benefício mesmo é o que pesa nessa balança em primeiro lugar. Segundo lugar, as condições de trabalho que às vezes deixam a desejar, aí entra a questão de horários a cumprir, a pressão que em muitos lugares existe. (JORNALISTA 2)

Acreditamos que os depoimentos colhidos mostram como a organização do trabalho tem limitado o exercício do jornalismo, além de refletir na saúde dos profissionais. A pressão, o ritmo intenso, o excesso de trabalho e a falta de tempo para a construção da reportagem levam ao empobrecimento dos textos, ao mesmo tempo em que podem levar à insatisfação com o trabalho, a problemas físicos e psíquicos. É preciso repensar a forma como o trabalho vem sendo organizado no jornalismo para que se cumpra o papel do jornalismo de atender ao interesse público, pois só com melhores

condições de trabalho, os jornalistas poderão realizar o fazer jornalístico com maior autonomia e tempo para apuração dos fatos. Além disso, melhores condições de trabalho também contribuem para um direito fundamental do ser humano, que é o direito a saúde, e o trabalho não deve ser fonte de adoecimento.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Perseu. **Um trabalhador da notícia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

BRECHT, Bertolt. Cinco maneiras de dizer a verdade. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, 1966, n.5, p. 259-273.

_____. Teoria do rádio. In: MEDITH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 35-45.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.

GAIARSA, José Ângelo. **O espelho mágico**: um fenômeno social chamado corpo e alma. São Paulo: Summus, 1984.

HELOANI, Jose Roberto Montes. **Mudanças no Mundo do Trabalho e Impacto na Qualidade de Vida do Jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório no. 12/2003.

HUDEC, Vladimir. **O que é jornalismo?** Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual**: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

_____. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, ECA/USP, Ano 1, n. 2, p. 13-30, jul./dez. 1998.

PIERNES, Guillermo. **Comunicação e desintegração na América Latina**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta** - Condições e Contradições do Trabalho Jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense e Olho D'água, 1994.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Saúde mental no trabalho contemporâneo**. In: 9º Congresso de Stress da ISMA-BR e 11º Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho, 2009.